

A TERRITORIALIZAÇÃO DA CULTURA GAÚCHA NO NORTE DO PARANÁ¹COLASANTE, Tatiana²**Resumo**

O movimento migratório dos gaúchos, entendidos aqui como os sujeitos nascidos no Rio Grande do Sul, se espalha por todo o Brasil e outros países do mundo. Esse processo contribui para a fundação de Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) por diversos territórios, com a finalidade de divulgar e preservar a cultura gaúcha. Assim, a desterritorialização desses migrantes não implica em uma perda identitária, pois, o vínculo afetivo ainda se mantém por intermédio dessas entidades, contribuindo para que o tradicionalismo gaúcho perdure e ganhe novos contornos. A partir dessa perspectiva, nossos objetivos se concentram em investigar a manifestação da cultura gaúcha no Norte do Paraná e sua apropriação pelos paranaenses. Trata-se de uma região que historicamente não recebeu um fluxo de migrantes gaúchos como ocorreu no Sudoeste do estado, mas que possui dezenas de CTGs que são frequentados por sujeitos nascidos no Paraná. Com a realização de entrevistas semiestruturadas em Londrina e Maringá, verificamos que muitos deles se consideram gaúchos – *paranaúchos* –, mesmo sem terem visitado o Rio Grande do Sul e são extremamente atuantes no movimento tradicionalista, constituindo-se, assim, em elementos fundamentais na difusão da cultura gaúcha no norte-paranaense.

Palavras-chave: Migração gaúcha; *Paranaúchos*; Centros de Tradições Gaúchas; Norte do Paraná; tradicionalismo gaúcho.

LA TERRITORIALIZACIÓN DE LA CULTURA GAUCHA EN EL NORTE DE PARANÁ

Resumen

El movimiento migratorio de los gauchos, tratados en este trabajo como los sujetos nacidos en *Rio Grande do Sul*, se extiende por todo el país y también por otras naciones del mundo. Ese proceso contribuye para la fundación de Centros de Tradiciones Gauchas (CTGs) por varios territorios, con la finalidad de divulgar y preservar la cultura gaucha. De este modo, la desterritorialización de esos migrantes no implica en una pérdida de identidad, pues el vínculo afectivo todavía se mantiene por intermedio de esas entidades, contribuyendo para que el tradicionalismo gauchista perdure y gane nuevos contornos. A partir de esa perspectiva, nuestros objetivos se concentran en investigar la manifestación de la cultura gaucha en el Norte de Paraná (PR) y su apropiación por los nacidos en este estado. Se trata de una región que históricamente, no recibió un flujo de migrantes gauchos como ocurrió en el Suroeste de PR, pero que posee decenas de CTGs que son frecuentados por sujetos paranaenses. Con la realización de entrevistas semiestruturadas en las ciudades de *Londrina* y *Maringá*, verificamos que muchos de ellos se consideran gauchos – *paranaúchos* – aunque sin haber visitado *Rio Grande do Sul*, y son extremamente atuantes en el movimiento tradicionalista, constituyéndose así, en elementos fundamentales en la difusión de la cultura gaucha en el *norte-paranaense*.

¹ Esse artigo originou-se dos resultados apresentados na tese intitulada: *A reterritorialização dos gaúchos no Norte do Paraná: a construção de uma identidade territorial, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente, com o apoio da Fapesp.*

² Doutora em Geografia – FCT/Unesp. Professora colaboradora da Unespar Campus Apucarana. E-mail: tati.colasante@gmail.com

Palabras clave: Migración gaucha; *Paranaúchos*; Centros de Tradiciones Gauchas; Norte de Paraná; tradicionalismo gaucho.

TERRITORIALIZATION OF GAÚCHO CULTURE ON THE NORTH OF PARANÁ STATE, BRAZIL

Abstract

The migratory movement of gaúchos, which are individuals born in Rio Grande do Sul state, Brazil, spreads throughout Brazil as well as other countries around the world. This process contributes to the foundation of Centers for Gaúcho Traditions (CTGs) in several territories, in order to promote and preserve the gaúcho culture. Thus, the desterritorialization of these migrants is not related to a loss of identity, as the affective bond is still held by these centers that makes the gaúcho traditionalism last longer and achieve new outlines. From this perspective, this work aims to investigate how the gaúcho culture manifests itself in the north of Paraná state, Brazil, and how it is appropriated by local residents. Historically, this region did not receive a gaúcho migrant flow as did the southwest of the state. However, there are dozens of CTGs where Paraná-born people habitually go. Based on semi-structured interviews conducted in Londrina and Maringá cities we verified that many of these individuals consider themselves as gaúchos (*'paranaúchos'*). Also, even they have not been to Rio Grande do Sul, they are extremely active in the traditionalist movement, constituting fundamental elements of the gaúcho culture diffusion in the north of Paraná.

Keywords: Gaúcho migration; *Paranaúchos*; Centers for Gaúcho Traditions; North of Paraná state; Gaúcho traditionalism.

1. Introdução

Ao mesmo tempo em que observamos que os migrantes se desterritorializam, identificamos um movimento de articulação quando se reterritorializam. Isso porque estando fora do seu território de origem, muitos deles estabelecem uma rede de relações que visam amenizar o sofrimento gerado por esta ruptura. Nesse viés, conseguimos compreender a necessidade da constituição de Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) que tem por objetivo preservar e disseminar a tradição gaúcha a partir de uma série de normas e, também, são utilizados para momentos de socialização entre os gaúchos, com apresentações artísticas e culinária típica, contribuindo assim, para uma aproximação dos gaúchos que estão longe de sua querência.

Segundo Bhabha (1998), trata-se de um *tempo de reunião*, no qual os migrantes se reúnem em pequenos espaços a fim de evocar lembranças, compartilhar experiências diversas, perspectivas de vida, ou seja, são espaços que remetem certo conforto e acabam trazendo de volta um passado de valores em comum, concomitantemente, em que trazem elementos do presente, através das dificuldades vivenciadas no “novo” território.

Nessa dinâmica entre o sujeito e o território mediada pela identidade, ressaltamos que mesmo que exista um esforço por parte dos gaúchos em manter a sua tradição, dificilmente está ficará imune a influências externas, porque a sua identidade, sobretudo,

na condição de migrante, possibilita a sua constante reconstrução e ressignificação, seja na perda do sotaque ou na incorporação de hábitos das novas culturas. Assim, quanto mais entramos em contato com diferentes formas de cultura, mais estamos propensos a desenvolver uma identidade desvinculada de lugares específicos, isto é, mais agregamos valores que nos condicionam a sermos sujeitos de múltiplas identidades.

Dentre os vários grupos sociais que temos no Brasil, os gaúchos constituem um dos que mais preserva o tradicionalismo. Percebemos na fala de vários migrantes gaúchos, um sentimento saudosista, vinculado, sobretudo, aos aspectos da Revolução Farroupilha que conferiu aos gaúchos uma identidade construída a partir de valores como coragem e superação. É nesse quadro que surge o tradicionalismo gaúcho, que reflete a exaltação dos costumes regionais gaúchos por sujeitos que se identificam e buscam preservar essa cultura, como explica Brum (2009).

A partir da fundação do primeiro CTG, em Porto Alegre, em 1948, o movimento tradicionalista acabou ganhando dimensões hiperbólicas, chamando a atenção da imprensa, dos intelectuais e de outros gaúchos que passaram a fundar outros CTGs pelo Rio Grande do Sul. Com isso, foi necessária a criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) a fim de organizar as entidades tradicionalistas, no caso, os CTGs filiados.

O grande fluxo migratório gaúcho no Paraná se estabeleceu, primordialmente, no Sudoeste do estado, explicando o fato das publicações científicas enfocarem mais na dinâmica socioespacial desta região. No entanto, a investigação acerca do processo de territorialização da cultura gaúcha no Norte do Paraná se justifica pela contribuição para o entendimento da rede gaúcha de tradições no estado, bem como sua articulação com outras regiões do Brasil, projetando uma complexidade maior para o estudo. Soma-se a isso a escassez de bibliografia sobre o assunto enfocando o norte do Paraná como recorte espacial. Uma particularidade que nos chamou a atenção em algumas incursões realizadas pelos CTGs de Londrina e Maringá é a existência de um grupo expressivo de paranaenses que frequentam esses espaços e se consideram gaúchos. Nesse sentido, indagamos de onde vem essa influência cultural.

Sabemos que no Paraná, além das entidades oficiais de preservação da cultura gaúcha, é interessante destacar que a inserção da cultura gaúcha no estado tem aproximações com o Tropeirismo, como aponta Zatti (2013). A partir desse pressuposto, direcionamos nossas reflexões para os *paranaúchos*, que são os sujeitos que nascem no Paraná, mas possuem profundo vínculo com a cultura gaúcha. Assim, em um primeiro momento vamos buscar algumas explicações para a inserção do gauchismo no Norte do

Paraná e de que forma essa cultura vem sendo territorializada nessa região a ponto de ser assimilada por tantos paranaenses.

2. As territorialidades do tradicionalismo gaúcho

Para Saquet (2011a e 2011b), a territorialidade diz respeito às relações sociais que condicionam as relações dos sujeitos entre si com o espaço de vida cotidiana, nas quais existem elementos de mudança e processos que geram o território, implicando em relações de apropriação e dominação. Sendo assim, para compreender de que forma a cultura gaúcha é apreendida pelos paranaenses e como são as relações que se estabelecem nesse processo, é necessário primeiramente destacar as raízes do tradicionalismo gaúcho e, a partir daí, averiguar a expansão multiescalar dessa cultura.

As origens do tradicionalismo gaúcho são controversas, mas acabam esbarrando em elementos históricos em comum. Optamos por dividir esse processo em duas fases: a primeira, que remonta a segunda metade do século XIX e a segunda, que engloba meados do século XX. A primeira fase corresponde ao momento em que o Brasil enfrentava a Guerra do Paraguai (1864-1870). Foi naquele período conturbado que surgiu a Sociedade Parthenon Litterário, no ano de 1868, na capital gaúcha. Tratava-se de um grupo de intelectuais de diversas áreas que se reuniu com o intuito não só de estimular a cultura, mas também se preocupava com questões sociais, como a abolição da escravatura.

A segunda fase marcante para a expansão do tradicionalismo ocorreu no século XX. Oliven (1985) nos explica que o Movimento Tradicionalista Gaúcho surgiu após a Segunda Guerra Mundial, em um período no qual parte do Rio Grande do Sul apresentava consideráveis níveis de urbanização e industrialização, culminando com a mecanização no espaço rural. Este fato contribuiu para o êxodo rural, ou seja, o gaúcho tradicional vinha perdendo seu “campo”. Cirne (2011) acrescenta o fato de que naquele período, a cultura gaúcha era ameaçada pelos estrangeirismos e o próprio jeito de se vestir como campeiro era tido como motivo de chacota.

É neste quadro que, em 1947, estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, liderados por João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes, fundaram o Departamento de Tradições Gaúchas, junto ao Grêmio Estudantil. O objetivo era fortalecer a tradição gaúcha por intermédio de reuniões culturais, sociais e recreativas. Em 24 de abril de 1948, o grupo criou o primeiro CTG do país: o “35” Centro de Tradições Gaúchas, em Porto Alegre, cujo nome faz referência ao ano de início da Revolução Farroupilha em 1835.

Quando analisamos a distribuição espacial dos CTGs pelo Brasil, conseguimos compreender a dimensão deste tradicionalismo. Entendemos essa cultura com caráter extremamente expansionista, pois, vai se espalhando por diferentes territórios, atraindo novos adeptos e fixando os valores tradicionais por intermédio de uma rede de sociabilidade. De acordo com informações da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (2015), o Brasil possui cerca de 2200 CTGs espalhados por diversas regiões do país. Por ser uma cultura sulina, a concentração maior destas instituições está na região Sul, o que representa algo em torno de 95% do total dos CTGs do país (Figura 1).

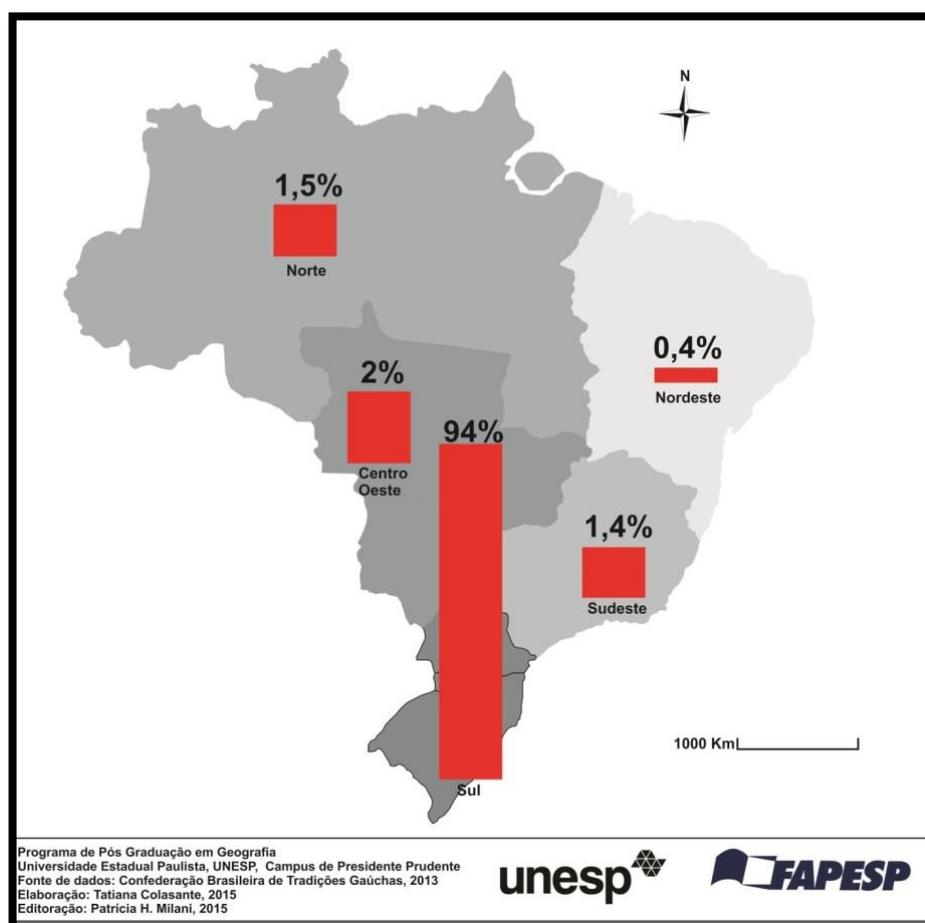


FIGURA 1. Distribuição da quantidade de CTGs por regiões (2015). Fonte: CBTG (2015). Elaborado por: Colasante, Tatiana (2016).

Chama a atenção o fato de que o Nordeste do país não possui nem 1% do número de CTGs, embora o Oeste baiano tenha recebido muitos migrantes sulinos, tanto do Paraná quanto do Rio Grande do Sul, especialmente, no final da década de 1990, nos municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, São Desidério, Formosa do Rio Preto e Baianópolis em busca de terras e do interesse em adentrar no mercado da agricultura científica e/ou

moderna da soja, conforme explica Mondardo (2010). Levantamos a hipótese de que a cultura gaúcha não tenha conseguido se enraizar pelo território nordestino de maneira tão intensa, justamente pelo fato de que tal como no Rio Grande do Sul, a Bahia, como maior estado do Nordeste, também possui características extremamente marcantes do ponto de vista cultural que contribuem para a coesão social dos seus gentílicos, ou seja, a cultura gaúcha encontrou aí uma barreira para se expandir devido aos vínculos estreitos que a cultura nordestina materializa pelo território.

Com a presença de muitos gaúchos no exterior, não é difícil compreender que os CTGs também se territorializam em outros países como Espanha, Estados Unidos, Japão, Polônia e China. Como essas entidades não precisam necessariamente estar associadas à Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG), é difícil precisar o número de entidades no exterior. Oliven (2012) explica que esse processo decorre da necessidade dos brasileiros que estão no exterior afirmarem sua identidade, já que quando estão longe do país, mesmo que sejam descendentes de japoneses, alemães ou italianos, ainda assim, são vistos como estrangeiros. Com isso, afirmar sua brasilidade ou então se declarar gaúcho e fazer parte do grupo é uma estratégia de autoafirmação.

Além da espacialidade, temos vivenciado em tempos atuais um número crescente de relações que se processam em ambientes virtuais, o chamado ciberespaço. Neste espaço imaterial, sujeitos de vários países acessam, divulgam e compartilham informações diversas. Através dessa nova ferramenta disponibilizada pela internet, é possível estabelecer contato com sujeitos que possuem os mesmos interesses e, com isso, criar comunidades virtuais que partilham de afinidades em comum. É justamente nesse ambiente virtual que observamos novas estratégias dos gaúchos para ampliar a sua rede de tradições. Redes sociais como o *Facebook*, vêm ganhando uma grande importância para os tradicionalistas que utilizam essas ferramentas para a divulgação de diversas atividades dos CTGs. Assim, consegue-se alcançar um público maior em um curto período de tempo e a transmissão dessa cultura vai sendo reinventada, angariando novos simpatizantes.

3. O tradicionalismo gaúcho no Paraná

Sobre a inserção da cultura gaúcha no Paraná, identificamos alguns indícios de que o ciclo do Tropeirismo está intimamente vinculado à disseminação dessa cultura no Paraná, ao passo em que o ciclo do mate contribuiu para consolidar a erva como um dos símbolos culturais mais emblemáticos do Rio Grande do Sul e do Paraná. Segundo Frasson e Gomes (2013), o Tropeirismo foi caracterizado por um ciclo econômico de longa duração,

compreendendo o período entre o fim do século XVII, quando não existiam estradas, até as primeiras décadas do século XX, quando houve um aprimoramento dos meios de transporte, como o surgimento da ferrovia.

Durante o longo percurso, várias fazendas, chamadas de *invernadas*, eram utilizadas para que os animais pudessem se alimentar e engordar, enquanto as tropas descansavam. Entre os intervalos das paradas, muitas cidades foram surgindo pelo caminho, como Castro, Curitiba, Ponta Grossa, Rio Negro e Lapa, localizadas no Paraná. Dentre os trajetos estabelecidos pela atividade tropeira na região Sul do Brasil, aqueles de maior relevância foram o Caminho do Viamão, o Caminho da Vacaria e o Caminho de Palmas ou das Missões.

Frasson e Gomes (2013) ressaltam que além das atividades a que eram destinados, no caso, conduzir a tropa, os tropeiros também eram negociantes e, em muitos casos, tinham que comprar e vender animais e outras mercadorias. Eram, acima de tudo, agentes culturais e quando da sua passagem pelos mais diferentes rincões do país disseminavam as novidades, as informações, ao mesmo tempo em que deixavam também alguns costumes, dialetos, elementos da gastronomia etc. Neste sentido, o tropeiro acabou sendo o personagem principal para a integração territorial, sobretudo, entre os estados sulinos. De acordo com Zatti (2013), foi o tropeiro quem trouxe para o Paraná inúmeros termos de origem castelhana como churrasco, charque, rincão, chimango, estância etc.

Inclusive, para o autor, a pilcha usada pelo tropeiro paulista (biriva) seria a indumentária típica do paranaense (tingui). O autor se refere ao tingui como o arquétipo do paranaense que desce culturalmente dos tropeiros de mulas xucras. Segundo ele, as bombachas eram, no início, utilizadas para a atividade de cavalaria e não é uma indumentária exclusiva do Sul do país. Sua origem provável seria no Japão, mas há registros da sua utilização na Europa também. Uma das versões fala que os ingleses adquiriram as bombachas no Oriente Médio e entregaram aos exércitos da Tríplice Aliança durante a Guerra contra o Paraguai ou, pouco antes, pelo Uruguai.

Sabe-se, no entanto, que no Sul do Brasil, ela chegou através dos peões e, posteriormente, tornou-se a vestimenta típica também dos fazendeiros. Este tipo de calça podia ser extremamente largo ou mais apertado, variando conforme a atividade a ser realizada, que demandava mais ou menos movimento por parte do peão/fazendeiro. Ao compararmos a vestimenta típica entre gaúchos e paranaenses, poucas diferenças são observadas. Excetuando que as bombachas paranaenses eram mais estreitas do que as gaúchas e que no Rio Grande do Sul havia uma rigurosidade maior com relação aos padrões das peças, de uma forma geral, a composição era a mesma.

Com relação ao ciclo da erva-mate, que é base para o uso do chimarrão consumido no Rio Grande do Sul e em parte da região litorânea e Sudoeste do Paraná, destacamos que durante praticamente todo o século XIX, a comercialização desta planta foi a principal atividade econômica do Paraná. Milan e Santos (2014) explicam que os primeiros indícios da utilização da erva-mate foram encontrados no Peru. Sabe-se que os indígenas consumiam largamente a planta, através da infusão ou mascada, hábito observado em tribos como Guaranis e Caingangues que habitavam a região onde hoje se localiza o estado do Paraná. O costume se propagou entre os europeus colonizadores. Entretanto, esta prática não foi aceita de imediato nas Reduções Jesuítas no Paraná e no Paraguai, no início do século XVII. Os padres proibiram o uso alegando que a erva tinha poder alucinógeno e remetia ao diabo.

Ainda de acordo com Milan e Santos (2014), sem consumir a planta, os indígenas ficavam mais propensos ao uso de bebida alcoólica, o que prejudicava o desempenho no trabalho. Por conseguinte, os padres acabaram não só liberando o uso, mas também acatando esta prática. A partir da invasão dos bandeirantes nas reduções com a finalidade de escravizar índios, o hábito de tomar o mate se expandiu. Verificamos que a área de ocorrência da erva-mate (Figura 2) coincide com a área de povoamento dos tupis-guaranis e possui uma ligação estreita com o Tropeirismo já que sua ocorrência se dá ao longo do percurso dos tropeiros, o que contribuiu para a sua disseminação pelos estados sulinos, sendo ainda amplamente consumido nos três estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

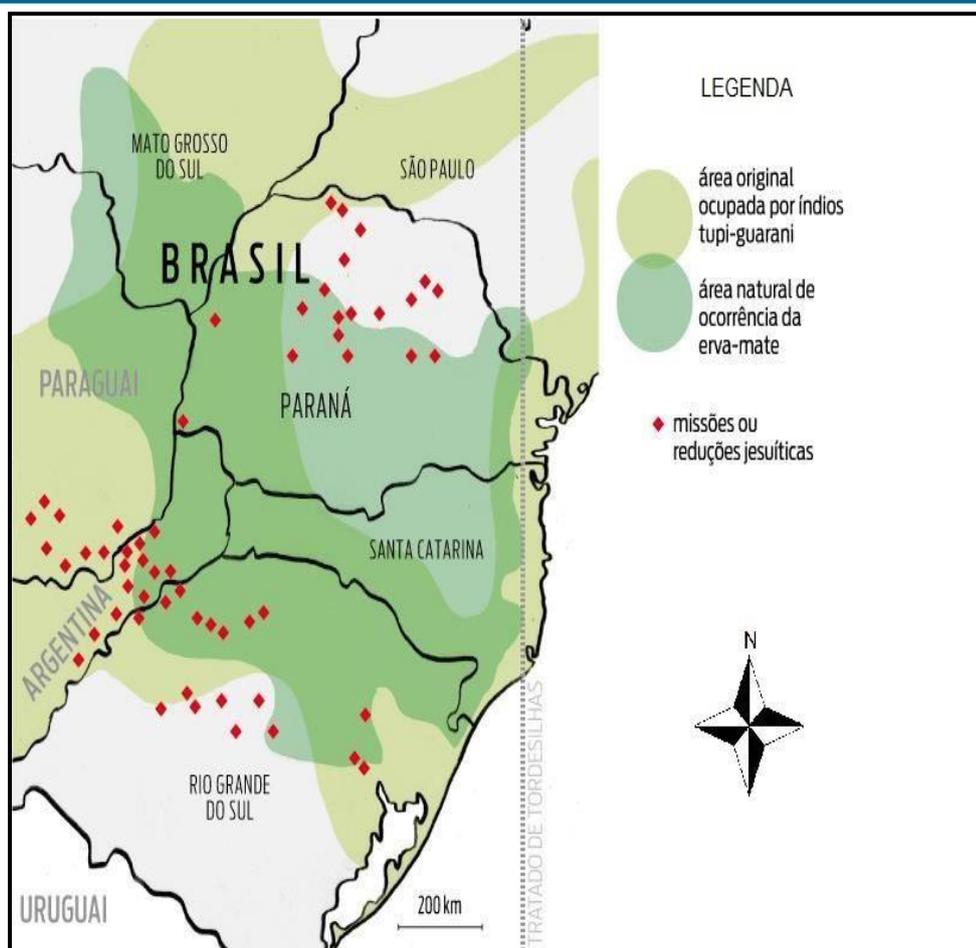


FIGURA 2: Área de incidência da erva-mate. Fonte: Milan e Santos (2014). Organizado por: Colassante, Tatiana (2015).

Para enfatizar ainda mais a proximidade da cultura gaúcha com o Paraná, mencionamos que a Lei nº 15.407, de 15 de janeiro de 2007, do estado do Paraná, reconhece o Rodeio Crioulo como evento esportivo cultural oficial no estado. No entanto, a Lei nº 11.719, de 7 de janeiro 2002, do Rio Grande do Sul, já havia instituído o Rodeio Crioulo como um dos componentes da cultura popular sul-rio-grandense. Em 2006, a lei sofreu algumas sanções que foram aprovadas e agora quem rege estas disposições é a Lei nº 12.567, de 13 de julho de 2006, que define o Rodeio Crioulo como um evento, no qual os participantes se envolvem “[...] nas atividades de montaria, provas de laço, gineteada, pealo, chasque, cura de terneiro, provas de rédeas e outras provas típicas da tradição gaúcha nas quais são avaliadas a habilidade do homem e o desempenho do animal (RIO GRANDE DO SUL, 2006, s.p.).

Outra observação interessante é com relação às comemorações do Dia do Gaúcho, instituído no Rio Grande do Sul pela Lei nº 9.405 de 25 de outubro de 1991, como sendo o dia 20 de setembro, em virtude das comemorações da Semana Farroupilha. A questão é que o Art. 4º da Lei nº 15.407, de 15 de janeiro de 2007 do estado do Paraná também

institui o dia 20 de setembro como o Dia do Gaúcho Paranaense, reconhecendo-se como um dos trajes oficiais, para fins de cerimonial e eventos sociais em geral, a indumentária descrita no Manual de Pilchas (vestimenta típica gaúcha) da CBTG.

No Paraná, o primeiro CTG fundado foi o “Vila Velha” de Ponta Grossa, seguido do “20 de setembro” de Curitiba (ZATTI, 2013). Com relação ao mate, observamos que está enraizado à cultura tanto gaúcha quanto paranaense ainda nos dias de hoje e que, contrariamente às pilchas, que são mais utilizadas em algumas atividades do CTG, o consumo do mate não está vinculado à participação no CTG, pelo contrário, muitas pessoas rotineiramente fazem uso do mate, ou seja, trazem este hábito para dentro de sua casa e/ou trabalho. Os municípios de Londrina e Maringá (Figura 3), embora estejam localizados no Norte do Paraná que, historicamente, não tiveram um fluxo de migrantes gaúchos, possuem CTGs. Em Londrina, temos o CTG Novas Coxilhas fundado em 1987 e o CTG Rincão Sulino fundado em 1992. Em Maringá, o CTG Rincão Verde foi fundado em 1983.

É importante destacar que o tradicionalismo gaúcho é um movimento organizado a partir de uma estrutura hierárquica e que tem leis e regras próprias. Inclusive, existe uma regionalização específica no que se refere ao agrupamento dos CTGs nas chamadas Regiões Tradicionalistas (RTs). Este tipo de divisão leva em consideração a proximidade espacial e não os critérios estabelecidos oficialmente pelo governo. Assim, Londrina e Maringá, que se encontram no Norte do Paraná, para o IBGE, não pertencem à mesma RT. O MTG possui um presidente na capital, Curitiba, e 17 coordenadores nas Regiões Tradicionalistas (RTs) espalhadas pelo estado.

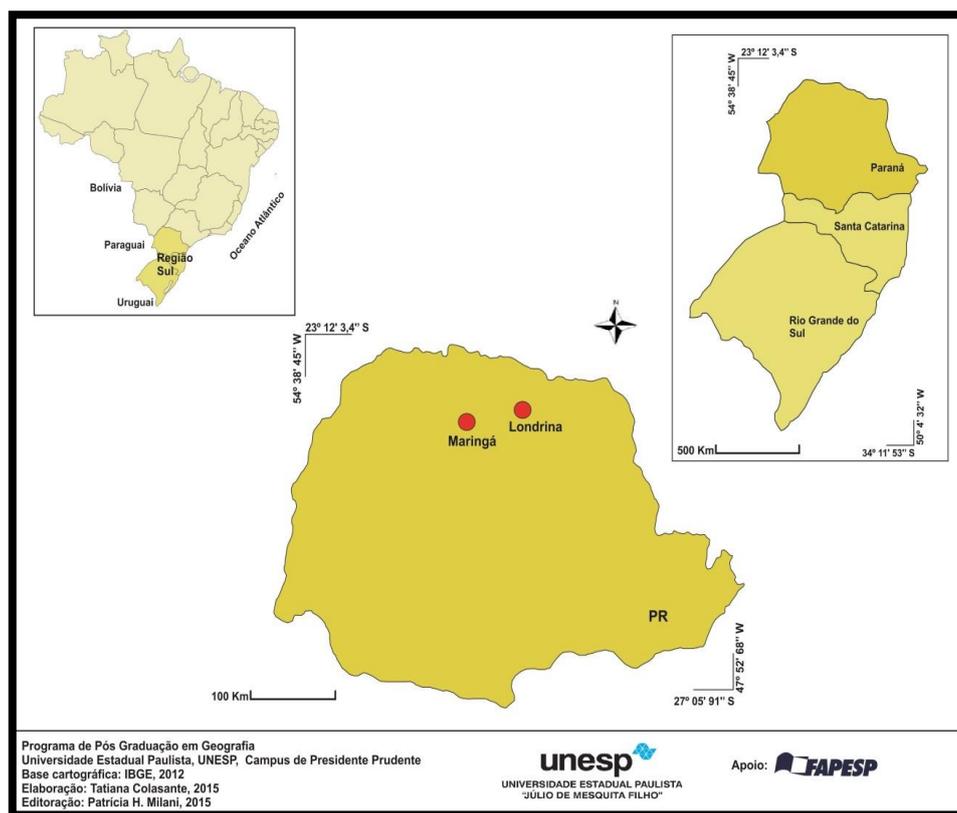


FIGURA 3: Localização dos municípios de Londrina e Maringá no Paraná. Fonte: IBGE, 2012. Elaborado por: Colasante, Tatiana (2015).

O CTG Rincão Sulino encontra-se na chamada 15^a RT, juntamente com os CTGs dos municípios de Santa Cecília do Pavão, Cornélio Procópio (inativo), Arapongas, Apucarana (inativo), Rio Branco do Ivaí e Rolândia. Já Maringá encontra-se na 5^a RT, juntamente com os municípios de Paranavaí, Santa Cruz do Monte Castelo, Santa Isabel do Ivaí, Loanda, Planaltina, Terra Rica, Paraíso do Norte e Nova Londrina. Os padrões dos CTGs realizam reuniões mensais com os coordenadores da sua RT. Assim, o MTG garante o poder sobre os seus subordinados, fiscalizando as suas atividades.

4. Os paranaúchos

Para compreender melhor as razões pelas quais tantos paranaenses cultuam o tradicionalismo gaúcho, realizamos entrevistas com os *paranaúchos* que frequentam ou frequentavam os CTGs Rincão Verde, de Maringá, e Rincão Sulino, de Londrina. As entrevistas em Maringá foram realizadas dentro do próprio CTG, em um dia em que o grupo da dança veterana realizava seus ensaios. O casal de instrutores é formado por um rapaz nascido em Guarapuava, localizada no Centro-Sul paranaense e uma moça, nascida em Campo Mourão, localizada no Centro-Oeste do Paraná. Foram feitas cinco entrevistas

com o grupo de danças, entre homens e mulheres, de forma aleatória, conforme iam se voluntariando para a participação na pesquisa. Os contatos foram conseguidos através do próprio CTG.

Já em Londrina, o CTG não conta mais com as danças tradicionais, somente com as atividades campeiras (laço e rodeio). Assim, as entrevistas tiveram que ser feitas em diferentes dias e locais, de acordo com a disponibilidade dos sujeitos. A maioria dos contatos foi obtida via internet, na página do *Facebook* do CTG Rincão Sulino. Da mesma forma como em Maringá, foram feitas cinco entrevistas, com ambos os gêneros.

Historicamente, os gaúchos vieram em um grande fluxo para o Sudoeste paranaense em função da Colônia Agrícola General Osório na década de 1940 que estimulou a vinda de migrantes gaúchos para aquela região. Já, no Norte do estado, temos a vinda maciça de mineiros e paulista na sua colonização para o trabalho nas lavouras de café. Nesse aspecto, nos perguntamos: quais os motivos que levam paranaenses da região norte-paranaense a cultivarem a cultura gaúcha já que não existe uma influência direta via migração ou ciclo do *Tropeirismo*? Para responder a este questionamento, investigamos os vínculos familiares dos entrevistados, pois, a família e os amigos fazem parte dos primeiros contatos de socialização dos sujeitos e contribuem para a formação de valores que podem ser carregados para a vida adulta e fazem parte de sua identidade.

Embora a dinâmica de ocupação e colonização da Frente Paulista nos forneça indícios da vinda de mineiros, paulistas e baianos predominantemente, encontramos nos estudos de Muller (2001, p. 104) sobre o Norte do Paraná na década de 1950, informações valiosas sobre a presença de gaúchos nessa região do estado: “[...] a região vem recebendo, recentemente, um influxo povoador partindo de Campo Mourão, de colonos gaúchos e catarinenses que, atraídos pelo renome do Norte do Paraná, abandonaram suas policulturas para tentarem o café”. Nesse sentido, essa afirmação nos leva a acreditar que, de fato, o norte-paranaense também recebeu um contingente de gaúchos motivados pela expansão cafeeira e que mesmo, posteriormente, esse fato não tenha contribuído para um crescente fluxo de migrantes para a região, não pode ser desconsiderado nos estudos populacionais do Paraná, agregando assim, novos elementos na análise do processo T-D-R.

Em um primeiro momento, indagamos sobre a existência de familiares ou amigos que residem no Rio Grande do Sul. Visto que se trata de uma cultura tradicionalista, voltada para passar de geração a geração, seria interessante verificar se o interesse dos *paranaúchos* pela cultura gaúcha se explica por esse viés. Em Londrina, nenhum dos entrevistados possui parentes que nasceram no Rio Grande do Sul. Já em Maringá, duas entrevistadas afirmaram que têm parentes, mas por parte dos maridos. Um dos

entrevistados possui irmãos que residem no Rio Grande do Sul, embora tenham nascido no Paraná. Apenas uma entrevistada afirmou que o avô materno, já falecido, nasceu no Rio Grande do Sul. Entretanto, todos os entrevistados afirmaram que em seu convívio social possuem amizades com sujeitos nascidos no Rio Grande do Sul, principalmente, através dos CTGs.

Nossa segunda hipótese para a influência da cultura gaúcha na vida desses paranaúchos seria pela vivência em território sul-rio-grandense. Dessa forma, buscamos saber a trajetória migratória desses sujeitos para verificar se tinham morado em outros estados e, com isso, poderiam ter assimilado a cultura gaúcha. Verificamos que a maioria transitou pelo próprio estado do Paraná, mas em regiões consideradas tradicionalistas do ponto de vista da influência gaúcha, como o Sr. Gabriel (nome fictício, assim como dos demais entrevistados aqui mencionados), que nasceu em Guarapuava, município do Centro-Sul paranaense que está intimamente relacionado ao Tropeirismo e tem uma forte cultura gaúcha. Outros municípios apontados pelos nossos entrevistados, excetuando-se Maceió-AL e Redenção-PA, também contam com a presença de CTGs.

Alguns entrevistados afirmaram que frequentavam o CTG em outros municípios quando lá residiam, como é o caso do Sr. Rômulo, que frequentava o CTG de Alta Floresta; o Sr. Gabriel, que frequentava o CTG Chaleira Preta, de Guarapuava; a Sra. Melissa, que frequentava o CTG de Campo Mourão, onde teve o primeiro contato com a cultura gaúcha, assim como, o Sr. Leonardo, que participava do CTG Estância Gaúcha, em Brasília, quando lá residia, e também teve seu contato inicial com a cultura gaúcha. Assim, em alguns casos é possível notar que os territórios de transição (intermediários no processo de desreterritorialização) se tornaram importantes para a formação de uma identidade gaúcha para estes paranaenses que frequentavam o CTG anteriormente e trouxeram esse hábito para Maringá e/ou Londrina.

[Pergunta: Como surgiu o interesse pela cultura gaúcha?]

Foi influência do meu marido [...]. A gente se casou, ele já participava [do CTG], aí foi onde eu conheci o CTG (Mariana, 32 anos, casada, auxiliar de departamento pessoal e residente em Maringá-PR).

Comecei vindo com meu filho. Ele começou a dançar chula e a gente [ela e o marido] começou a vir no CTG para acompanhar ele (Marlucia, 54 anos, casada, bancária e residente em Maringá-PR).

A princípio, minha esposa gostava muito de dançar e eu era meio “duro”. Para o homem já é mais difícil a dança. Para a mulher parece que já “tá no sangue”. Então era um negócio muito difícil porque ela queria sair pra dançar, eu não conseguia,

não me adaptava, aí mais ou menos uns 26 anos atrás, tive meu primeiro contato com a dança gaúcha. Recebi o convite de um primo [...] pra ir num baile gaúcho. Gostei muito, só que depois desse período eu fiquei muitos anos sem participar. Depois minha esposa continuou insistindo (Leonardo, 55 anos, casado, corretor e residente em Maringá-PR).

Os meus pais se conheceram dançando. A minha mãe é paranaense, meu pai também é paranaense e, na juventude, eles foram participar do CTG. Lógico que minha mãe já tinha um pouco de contato por causa do meu avô [nascido no Rio Grande do Sul], ele tocava acordeom. Então minha mãe já tinha contato com a música gaúcha e meu pai não é tradicionalista. Os dois começaram a dançar a invernada, se conheceram, gostaram e casaram, e aí a gente já foi criado nesse meio. Então desde que eu era pequena, fui levada a frequentar o CTG e aí foi, né? Minha irmã hoje em dia trabalha no CTG. Meu irmão não mora no Brasil. E aí eu conheci meu noivo dançando. Ele é de Guarapuava e a gente foi participar de uma competição e a gente se conheceu e hoje em dia a gente tá junto (Melissa, 33 anos, solteira, fisioterapeuta e residente em Maringá-PR).

Apesar dos diferentes motivos que levaram esses sujeitos a se interessarem pela cultura gaúcha, é possível perceber que o elemento “dança” está presente em quase todas as respostas dos *paranaúchos* de Maringá. Em Londrina também encontramos similaridades nas respostas dos entrevistados. Nesse aspecto, a dança gaúcha representa um forte código cultural do Rio Grande do Sul e é um dispositivo fundamental de inserção dos *paranaúchos* na rede de tradições gaúchas no Paraná. A dança acaba extravasando o simples ato de se movimentar de forma compassada a partir de um ritmo, mas expressa para esses sujeitos, todo o tradicionalismo e, com eles, valores sociais inerentes à cultura gaúcha, como a família e a religiosidade. Nos CTGs, as danças são importantes elementos de sociabilidade, atraindo sujeitos de todas as idades e culturas quando ocorrem os bailes, mas também são envolvidas em um conjunto de regras e formalidades quando praticadas nos campeonatos.

[Pergunta: Como surgiu o interesse pela cultura gaúcha?]

Através de meu avô que, por curiosidade, não possuía vínculo com o Rio Grande do Sul. A inserção no CTG acarretou em uma série de atividades ligadas à cultura gaúcha, como participação no grupo de danças do CTG e em grupos musicais de música gaúcha (Antônio, 31 anos, casado, servidor público e residente em Londrina-PR).

Não houve influência de gaúchos, mas um vizinho viu que o CTG da nossa cidade iria abrir aulas para dança de salão e convidou nossa família para ir junto com a família dele conhecer o CTG (Bianca, 20 anos, solteira, analista de licitações e residente em Londrina-PR).

Meu pai é paulista e minha mãe londrinense. Minha mãe sempre gostou de dançar e meu pai nunca foi fã disso, e minha mãe me incentivou a dançar com ela, pra sair com ela, pra sair. E nessas idas e voltas, a gente foi no CTG em um churrasco que teve e teve uma apresentação de dança, que era sapateado, eu olhei, gostei e de um dia para o outro, eu fui lá, conversei com o pessoal que participava do grupo, e comecei a ir aos poucos e, desde 2005 que eu estou lá, que eu participo (Cássio, 24 anos, solteiro, estudante de Agronomia e residente em Londrina).

Com isso, identificamos que os CTGs buscam ter um cuidado especial com as danças, angariando sempre novos participantes e formando equipes comprometidas com os valores tradicionais para que a entidade ganhe prestígio através de premiações e reconhecimento estadual/nacional nos diversos eventos relacionados à modalidade. O Rincão Sulino de Londrina teve um papel importante para a inserção dos *paranaúchos* nessa rede de tradições, como observamos, através da dança, no entanto, nos últimos anos, não tem formado mais grupos. Já no Rincão Verde, a dança é um elemento de destaque atualmente. O sentido das invernadas artísticas (departamento de dança no CTG) perpassa o “saber dançar” e busca reproduzir uma tradição secular pautada, especialmente, no orgulho da história do Rio Grande do Sul.

Importante enfatizar também que a dança gaúcha acaba sendo algo diferente do ponto de vista cultural no Norte do Paraná, pois, nessa região não existem elementos específicos de caráter simbólico que possamos comparar com esse tipo de manifestação. A dança tradicional paranaense acaba sendo relegada à região litorânea do estado, onde se destaca o fandango caiçara, uma das manifestações folclóricas mais antigas do país e que se estende também para o litoral de São Paulo e é considerado um bem imaterial cultural registrado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). No entanto, essa dança não é reproduzida no Norte do estado.

Ainda com relação a esse aspecto, foi possível identificar que alguns paranaenses mal sabem o significado dos simbolismos existentes na dança gaúcha e acabam fazendo aulas de dança mais como uma diversão do que um apego à cultura gaúcha. Somente com o passar do tempo é que começam a se comprometer e a entender o significado de representar o tradicionalismo gaúcho, como explicou um dos instrutores de dança. Isso, provavelmente, não ocorre em CTGs do Rio Grande do Sul, onde os participantes já têm a vivência da cultura e um sentimento de amor a terra desde a infância, através de seus laços sociais, ou seja, dentro da socialização primária, algo que os *paranaúchos* têm que aprender e assimilar.

Ademais, dos nossos dez entrevistados, somente três já estiveram no Rio Grande do Sul. Os que nunca foram para lá, enfatizam ser um sonho conhecer aquele estado. Assim, todo o conhecimento da cultura gaúcha que adquirem é via contato com outros gaúchos ou pessoas que conhecem bem a cultura, como o caso dos instrutores de dança. Em vista disto, a dança acaba se tornando um elemento central para a difusão da cultura gaúcha, ao mesmo tempo em que aproxima gaúchos e *paranaúchos*, estreitando os laços sociais dos envolvidos e possibilitando uma troca cultural, como pudemos perceber nos relatos em que os entrevistados comentam o hábito de tomar chimarrão ou ouvir música nativista, que surgiu a partir do contato com o CTG e que foi incorporado ao seu cotidiano.

Um dos entrevistados, o Sr. Cássio, residente em Londrina-PR, relata que além do chimarrão, também costuma utilizar a indumentária típica gaúcha no seu cotidiano, como as alpargatas (calçado parecido com uma sapatilha) e a pala (espécie de poncho). Segundo ele, além de achar elegante a vestimenta gaúcha, se orgulha em mostrar um pouco a tradição do Rio Grande do Sul no Paraná e diz não se importar com os olhares de curiosos quando sai pelas ruas.

Muito além disso, a ação desses *paranaúchos* se constitui em um dos trunfos do poder do CTG Rincão Verde, de Maringá, já que esses sujeitos são importantes elementos que contêm a informação e a circulação, agregando novos sujeitos à entidade a partir de convites feitos a outros amigos e/ou familiares, difundindo a cultura gaúcha no seu círculo social, contribuindo assim, para ampliar a territorialidade gaúcha no Norte do Paraná. De acordo com os entrevistados, aproximadamente 90% dos participantes das internadas é composta de paranaenses, o que amplia a sua importância perante o tradicionalismo gaúcho, porque são eles que, mesmo não tendo vivenciando a cultura gaúcha do ponto de vista territorial, conseguem passar para outros sujeitos os ideais tradicionalistas e perpetuar a tradição. Conforme as respostas dadas pelos entrevistados, todos eles já convidaram algum membro da família e/ou amigos para participarem do CTG, ou seja, de fato, a participação de *paranaúchos* no CTGs contribui para a ampliação da rede de tradições gaúchas no Paraná.

Diferente de Maringá, onde existe somente a invernada artística veterana (participantes com idade igual ou superior a 30 anos), em Londrina, apesar de hoje não existir mais a parte artística, identificamos um grupo de jovens que participava da categoria juvenil (até 17 anos) e Adulta (até 30 anos). O Sr. Rômulo, de 32 anos, relata que participa do CTG há 10 anos; o Sr. Antônio, de 31 anos, participa há 18 anos; a Sra. Alice, de 31 anos, participa há 6 anos; a Sra. Bianca, de 20 anos, participa há 13 anos e o Sr. Cássio, de 24 anos, frequenta há 11 anos, ou seja, são sujeitos que começaram a frequentar

o CTG muito jovens, alguns ainda eram crianças, trazidos pelas famílias. Os entrevistados relatam duas versões que explicam a extinção do grupo de dança de Londrina. A primeira, por falta de empenho da direção do CTG e a outra ligada aos próprios participantes que começam a desistir ou acabam se mudando de Londrina.

No CTG de Maringá, os instrutores de dança relatam a falta de interesse dos jovens em participar da entidade. Inclusive, a Sra. Melissa, que é uma das instrutoras, ressalta que do Norte do Paraná, o CTG de Maringá é o único que tem a parte artística, os outros só têm a atividade campeira ou não tem nada: “[...] só ficam fazendo jantares [...]. Isso não é necessariamente parte da cultura porque vira comércio, as pessoas vão mais pra comer, sem saber porque elas estão lá, sem objetivo”. Ainda segundo o relato dessa entrevistada, existem muitas dificuldades de se manter as atividades culturais no CTG:

[...] a região Norte, é muito difícil de manter [a tradição gaúcha]. Na verdade, o que mantém o CTG é a parte campeira e artística e nós somos despesa pra entidade, porque a gente precisa viajar. Então, todo CTG vai falar que artística e campeira é despesa. A gente tem que promover evento, vender rifa, tudo mais, pra ter subsídios para que o CTG não tenha que bancar tudo, porque se tiver que bancar, o CTG vai acabar. Então é um trabalho difícil, é mais por amor mesmo do que por reconhecimento, por ganhar dinheiro e tudo mais. Então a gente leva muito “tapa na cara”, muita dificuldade. Se aqui na região Norte a gente dependesse da ajuda de outros já tinha acabado. A gente tem que correr atrás de dançarino. Tem muito estudante, então eles vêm e vão embora. Forma e vai embora. Então quando você acha que tem um grupo de dança, vão embora e você não tem mais ninguém. Por isso que uma época eu só tinha a [invernada] adulta, agora eu só tenho a veterana [...]. A importância [de se ter um CTG no Norte do Paraná] é para a gente tentar manter a cultura, mas se a gente não batalhasse, ele [CTG] já tinha acabado.

No tocante à questão do preconceito pelo fato de frequentarem ativamente os CTGs e não terem nascido no Rio Grande do Sul, todos os entrevistados afirmaram que não sofreram nenhum tipo, pelo contrário. Foram muito bem acolhidos pelas entidades. No entanto, alguns entrevistados comentaram que as pessoas, algumas vezes, fazem certo tipo de piada ou brincadeira sobre isso, mas que não os incomoda. Somente um deles comentou que sentiu um pouco de preconceito:

Algumas vezes sim. Certa vez diziam que não éramos gaúchos “legítimos” por não termos nascidos no Rio Grande do Sul. Porém, tenho a visão que gaúcho não é apenas aquele que nasce no Rio Grande do Sul, pois é uma questão de identidade. Tanto que as pessoas que habitam os pampas uruguaios e argentinos são chamados de gaúchos (Antônio, 31 anos, casado, servidor público e residente em Londrina-PR).

Preconceito não, mas “tiração” de sarro. Isso tem muito. Creio eu, pela influência paulista que tem aqui, é absurdo. Até meus amigos mais íntimos, que vão em casa, nenhum participa do CTG e todos eles tiram sarro. Por eu estar há 11 anos no CTG, eu tenho costume de usar alpargata, que é calçado gaúcho, pala, que é tipo uma manta gaúcha para o frio...e é costume usar isso. Tenho que aguentar isso. Mas nunca é de uma forma ofensiva (Cássio, 24 anos, solteiro, estudante de Agronomia e residente em Londrina-PR).

Olha, eu e minha esposa, além da dança de dupla, nós dançamos dança de salão e participamos de campeonatos. O ano passado, eu trouxe dois troféus. Eu fui 3º do PR em dança de salão. Então, a única brincadeira... meus dois irmãos que moram lá [no Rio Grande do Sul] falam assim: “você é mais gaúcho do que a gente”. Então, deles, propriamente dos gaúchos, não. Há muita brincadeira do pessoal daqui, pela roupa que a gente veste, tem umas brincadeiras lá (Leonardo, 55 anos, casado, corretor e residente em Maringá-PR).

Na verdade, o pessoal acha interessante a gente, por ser jovem, participar da cultura e tudo mais. Nunca tive essa questão de preconceito. Como os gaúchos, que eu conheço, aqui, geralmente frequentam o CTG, a gente não tem esse problema. Porque geralmente quem nasceu no Rio Grande do Sul e não cultiva a tradição lá, fica meio assim [ressabiado]. Mas eu nunca tive nenhum problema (Melissa, 33 anos, solteira, fisioterapeuta e residente em Maringá-PR).

Além dos CTGs, existem outras formas de socialização entre gaúchos e *paranaúchos* com a finalidade de cultivar o tradicionalismo. Nesse sentido, destacamos o papel dos microterritórios que atuam como importantes elementos de constituição espacial e “condutores” de códigos culturais com a ampliação das territorialidades gaúchas por diversos territórios. Em Maringá, os *paranaúchos* envolvidos no grupo de dança criaram estreitos laços de amizade e costumam, em seu convívio, realizar frequentemente encontros nas residências dos participantes.

O churrasco e o chimarrão estão sempre presentes. Lá, ouvem música gaúcha e assistem competições de outros CTGs pela internet e a própria cultura gaúcha passa a ser um assunto recorrente nesses dias de entrosamento. Do mesmo modo, muitos participam de outro grupo de dança de salão gaúcha, que se reúne em uma Igreja de Maringá e, com isso, criam novas (micro) territorialidades, conferindo uma configuração policêntrica à territorialidade gaúcha-maringaense.

Compreendemos que ao estabelecer a nossa territorialidade estamos também constituindo nossas ações através de redes, nós e malhas que possibilitam uma maior fluidez no território, incluindo-se aí uma expansão das nossas redes de sociabilidade. Os

pequenos espaços nos quais estamos realizando nossas atividades e nos relacionando com a externalidade de maneira efêmera estão presentes no que Heidrich (2009) denomina de microterritorialidades que estão intimamente ligadas ao sentimento de pertencimento ou estabelecimento de vínculos que irão refletir na constituição de identidades. Elas se formam a partir da conexão entre ocupação e representação.

Em Londrina, 80% dos entrevistados relatou que, excetuando o CTG, não costuma se reunir em outros locais para cultivar a tradição gaúcha. O Sr. Antônio informou que prestigia apresentações culturais/shows de artistas gaúchos em teatros e festivais, além de rodeios que ocorrem fora do CTG. A Sra. Bianca reclama que Londrina é muito limitada em relação à cultura gaúcha e, com isso, fora o CTG não existem outros espaços voltados ao tradicionalismo.

Assim, os microterritórios criados pelos *paranaúchos*, que se formam além do CTG, são menos intensos em Londrina do que em Maringá, que conta com diferentes pontos na rede, e que mantém relação entre si e se conectam a outros pontos, dando uma dimensão mais ampliada da territorialidade desses sujeitos que se conectam a vários (micro) territórios a fim de cultivar a tradição gaúcha, e em cada um desses espaços a territorialidade se processa de forma diferenciada, ora criada em função de competições ora criada em função de lazer. Dessa forma, esses sujeitos que assimilam a cultura de outro território e difundem o tradicionalismo no norte-paranaense, constituindo-se assim, em *trunfos do poder* (RAFFESTIN, 1993) para os CTGs.

5. Considerações finais

O tradicionalismo reflete no CTG um importante referencial da cultura gaúcha que se materializa por diferentes regiões do país e, com isso, amplia sua dimensão reticular. Este processo vem ganhando uma nova dimensão a partir da expansão da cultura gaúcha para os ambientes virtuais, como o *Facebook*. Pelo fato de termos identificado muitos paranaenses que participam dos CTGs, e gaúchos, em número mais reduzido, buscamos na história alguns elementos que pudessem explicar a inserção dos CTGs no Norte do Paraná, já que a princípio sua existência só faria sentido caso houvessem muitos gaúchos na região.

No entanto, em Londrina e Maringá, os gaúchos, mesmo que em número mínimo de migrantes, fundaram CTGs. O surgimento dessas entidades no Paraná acaba, de certa forma, coincidindo, do ponto de vista da localização, com alguns municípios importantes no movimento tropeiro, como Ponta Grossa, sede do primeiro CTG do estado. Assim,

pontuamos que existe uma relação intrínseca do Tropeirismo com a inserção da cultura gaúcha em território paranaense.

Com isso, damos destaque à presença dos *paranaúchos*, que são sujeitos que emergem de um processo identitário vinculado a um limiar entre a cultura paranaense e a cultura gaúcha. Com entrevistas realizadas com este grupo, identificamos que existe um desconhecimento muito grande por parte deles sobre a cultura do próprio estado. Dessa forma, a cultura gaúcha acaba ganhando força porque se mostra de forma mais efetiva, com festas, danças e eventos vinculados à sua tradição. Verificamos também, que muitos destes sujeitos sequer estiveram no Rio Grande do Sul. Assim, o vínculo territorial essencial na formação das identidades territoriais não é desenvolvido. A lembrança, a saudade e todos os elementos culturais que envolvem valores sentimentais que os gaúchos têm com relação ao Rio Grande do Sul não podem ser reproduzidos para os paranaenses, é algo a se vivenciar.

A dança é um dos elementos que mais atrai os sujeitos para dentro do CTG. Assim, os *paranaúchos* têm um papel fundamental na divulgação e preservação da cultura gaúcha. Ao mesmo tempo em que preservam a cultura, participando de campeonatos, divulgam a cultura para outros sujeitos que acabam vindo participar do CTG. Dessa maneira, atraem novos frequentadores e movimentam as relações sociais da entidade, podendo ser considerados como um trunfo do poder para essas entidades. Embora tenhamos percebido que alguns sujeitos não têm uma preocupação com a história do Rio Grande do Sul, que é fundamental para o tradicionalismo e acabam tendo na dança apenas uma opção de lazer, outros *paranaúchos* se mostram empenhados e profundos conhecedores da tradição. De qualquer forma, são estes sujeitos no norte-paranaense que estão trabalhando intensamente para que a cultura gaúcha continue sendo preservada.

A apropriação da cultura gaúcha pelos paranaenses, mesmo que seja um assunto que gere polêmica e pode dar margem a novos estudos, vem contribuindo para que essa tradição ainda esteja presente na região. Verificamos que muitos CTGs vêm encerrando as suas atividades, enquanto os que estão na ativa registram a presença minoritária dos gaúchos. Com isso, na rede de tradições gaúchas do estado, é o *paranaúcho* que acaba sendo o personagem principal, mesmo não tendo a vivência e as lembranças do Rio Grande do Sul. Muitos migrantes gaúchos não frequentam o CTG e, com isso, a tradição pode se perder no Norte do Paraná. Justamente, por isso, esse papel, acaba ficando a cargo desses sujeitos que, desempenham, com orgulho, essa importante função.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo nº 2013/04634-4) pela bolsa de estudos concedida.

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRUM, Ceres Karam. Sepé Tiaraju: o índio que os gaúchos querem viver. Representações, identidades e educação. In: SILVA, Gilberto Ferreira; PENNA, Rejane; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (Orgs.). **RS Índio**: Cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 15-28.

CIRNE, Paulo Roberto de Fraga. O começo do tradicionalismo gaúcho. In: CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (Orgs.). **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Porto Alegre, CORAG, 2011, p. 265-282.

CONFERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA. **CTGs no exterior**. 2015. Disponível em: <http://www.cbtg.com.br/_sítio/ctgs/exterior.php>. Acesso em 08 set. 2016.

FRASSON, Antonio Carlos; GOMES, Silvestre Alves. **Tropeirismo**: processo civilizatório da região Sul do Brasil. Secretaria da Educação. Estado do Paraná. 2013.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Conflitos territoriais na estratégia de preservação da natureza. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 271-290.

OLIVEN, Ruben George. **Visões do Rio Grande**. Zero Hora, Porto Alegre, 14 dez. 2012. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2012/12/ruben-oliven-as-ideias-e-a-cultura-viajam-3982802.html>>. Acesso em 20 jan. 2017.

_____. A fabricação do gaúcho. **Cadernos CERU**, São Paulo, n. 1, 1985, p. 79-91.

MILAN, Pollianna; SANTOS, Leandro dos. **O início de uma tradição**. Gazeta do Povo, Curitiba, 2017. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/especial-erva-mate/>>. Acesso em 10 jan. 2017.

MONDARDO, Marcos Leandro. Da migração sulista ao novo arranjo territorial no oeste baiano: “territorialização” do capital no campo e paradoxos na configuração da cidade do agronegócio. **Campo-Território**, v.5, n.10, 2010, p. 259-287.

MULLER, Nice Lecocq. Contribuição ao Estudo do Norte do Paraná. **Geografia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 89-118, jan./jun. 2001.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei 12.567 de 13 de julho de 2006**. Fica instituído oficialmente o rodeio crioulo como um dos componentes da cultura sul-rio-grandense. Diário Oficial do Rio Grande do Sul nº 10.226 de 27 de março de 2012.

_____. **Lei nº 9.405 de 25 de outubro de 1991**. Lei do dia do Gaúcho. Palácio Piratini, 25 de Outubro de 1991.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Estudos territoriais**: os conceitos de território e territorialidade como orientações para uma pesquisa científica. In: FRAGA, Nilson César (Org.). Territórios e Fronteiras: (re) arranjos e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2011a, p. 33-50.

_____. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras Expressões, 2011b.

ZATTI, Carlos. **O Paraná de Bombachas**. Curitiba: IHGPR, 2013.

Recebido em: 12/06/2017

Aceito em: 03/07/2017